



## AOS SONS DOS BENDITOS: UMA LITURGIA DA SAÍDA E DO ENCONTRO\*

---

*To the Sounds of the Corners: a Liturgy of the Exit and the Meeting*

Assis Daniel Gomes<sup>1</sup>

### Resumo:

Neste artigo, tencionamos realizar uma reflexão sobre as práticas rituais e simbólicas feitas pelos romeiros e romeiras em Juazeiro do Norte. Para isso, buscamos verificar a construção de uma liturgia da saída e do encontro em sentido mais amplo, bem como relacionar o estudo da Ciência Litúrgica à Sagrada Escritura, à Teologia Espiritual e ao Magistério da Igreja. Nessa busca de construção, tencionamos dialogar com o conhecimento histórico, antropológico e geográfico. Enfim, verificamos que o diálogo interdisciplinar nos favorece aprofundar as manifestações da fé do povo em seu cotidiano – não a buscando provar e sim construindo condições de possibilidade de entender o processo de constituição dessa fé e sua forma atual de alimentação.

### Palavras-chave:

Liturgia. Romaria. Teologia.

### Abstract:

In this article, we intend to reflect on the ritual and symbolic practices of pilgrims and pilgrims in Juazeiro do Norte. In order to do this, we seek to verify the construction of a liturgy of departure and of the encounter in a broader sense, as well as to relate the study of Liturgical Science to Sacred Scripture, to Spiritual Theology and to the Magisterium of the Church. In this quest for construction, we intend to dialogue with historical, anthropological and geographical knowledge. Finally, we see that interdisciplinary dialogue favors deepening the manifestations of the faith of the people in their daily lives - not seeking to prove, but constructing conditions of possibility of understanding the process of constitution of this faith and its current form of food.

### Keywords:

Liturgy. Pilgrimage. Theology.

\*\*\*

---

\* Dedicamos este artigo à Ir. Ana Teresa de Guimarães (*in memoriam*) e Ir. Annette Dumoulin como uma forma de agradecimento por seu trabalho pastoral e de pesquisa científica sobre a religiosidade nordestina, o Padre Cícero e seus romeiros (as) desde a década de 1970 em Juazeiro do Norte. Fundadoras, nesse município, do centro de “Acolhida aos Romeiros” e do “Centro de Psicologia da Religião”.

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em História pela Universidade Federal do Ceará, Especialização em andamento em Filosofia e Teoria do Direito pela PUC- Minas, Especialização em História Contemporânea pela FJN, Graduação em História pela URCA, Graduação em Filosofia pela Faerpi, Graduação em andamento em Teologia pela Uninter. Atualmente é professor do departamento de História da UECE.

## Considerações iniciais

A construção desse artigo foi impulsionada pelas inquietações feitas pela Ir. Ana Teresa de Guimarães<sup>2</sup> e Ir. Annette Dumoulin<sup>3</sup> em seu trabalho publicado na revista *Cultura Teológica* da PUC – São Paulo, que possuía o seguinte título: “Romeiros (as) e romarias em Juazeiro do Norte: protagonismo de uma liturgia popular – uma visão antropológica”<sup>4</sup>. Essas duas religiosas partiram de suas experiências realizadas na pastoral das romarias e de seus estudos acadêmicos sobre as manifestações religiosas ocorridas em Juazeiro do Norte<sup>5</sup> para indagar se os atos de celebrar dos romeiros e romeiras nessa localidade não seriam considerados uma liturgia, ou segundo as suas palavras, uma “liturgia popular”<sup>6</sup>.

Tal reflexão se alicerçou por meio de um olhar específico, como afirmado por elas. Buscaram, outrossim, inquietar e propor para outros pesquisadores uma reflexão teológica sobre o tema. Definiram, para isso, seus objetivos com esse trabalho da seguinte maneira: “Procura-se entender porque essas expressões atravessam o tema numa longa tradição que não mata a originalidade nem a criatividade dos “afilhados do Padre Cícero”. É uma leitura psicológica e antropológica que pode servir de base para um aprofundamento teológico- litúrgico”<sup>7</sup>.

Tendo isso como pressuposto, temos como escopo, neste artigo, entender a liturgia enquanto uma ciência teológica<sup>8</sup>, cujo ato de celebrar ritualmente tem dois alicerces: a Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja. Pensando, por conseguinte, a experiência teológica em conexão com a arte e a espiritualidade que envolve o celebrar. Dessa forma, a experiência de fé vivenciada comunitariamente está movida por ações rituais que são praticadas e sentidas durante a vida comunitária da Igreja. Pensando de uma forma mais ampla, enquanto ato de celebrar, o cristão está realizando constantemente uma liturgia, um sacrifício em que se recorda da paixão de Cristo, uma renovação de sua fé em busca do alimento espiritual, assim como disse Jesus: “quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, estarei em seu meio”<sup>9</sup>. Assim, a liturgia é “um encontro do Deus vivo com o seu povo aqui e agora”<sup>10</sup>. De uma forma estrita temos a liturgia oficial – a Missa, por exemplo, é o cume dos atos celebrativos cristãos, é o momento sublime individual e coletivo de

---

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade de Lovaina – Bélgica. Irmã da Congregação Cônegas de Santo Agostinho. Sua tese foi uma das bases para a ação pastoral nas romarias de Juazeiro – tem este título: “Padre Cícero e a nação romeira, um estudo psicológico da função de um “santo” no catolicismo popular”.

<sup>3</sup> Doutora em Ciência da Educação com especialidade em Psicologia da Religião pela Universidade de Lovaina – Bélgica. Irmã da Congregação Cônegas de Santo Agostinho. Destacamos o seguinte livro: “Padre Cícero, santo dos pobres, santo da Igreja” - 2017.

<sup>4</sup> GUIMARÃES; Ana Teresa; DUMOULIN, Annette. *Romeiros/as e romarias em Juazeiro do Norte: protagonismo de uma liturgia popular, uma visão antropológica*. Revista de Cultura Teológica. V.17, n.67, 2009, p. 09.

<sup>5</sup> O município de Juazeiro do Norte está localizado no sul do Ceará no Nordeste brasileiro. Desde o final século XIX peregrinos do Nordeste e Brasil chegaram a essa terra para pagar as suas promessas e suas devoções religiosas a Nossa Senhora das Dores e ao Padre Cícero Romão Batista. Tais romarias foram impulsionadas pelo suposto milagre da hóstia ocorrido com a beata Maria de Araújo na Matriz da localidade. Essa crença pela redenção por meio do corpo e sangue de Cristo manifestado no sertão do Nordeste atraiu vários crentes que buscavam não apenas visitar esse lugar, considerado santo, mas fincar moradia nele.

<sup>6</sup> GUIMARÃES; DUMOULIN, 2009, p. 09.

<sup>7</sup> GUIMARÃES; DUMOULIN, 2009, p.09.

<sup>8</sup> Concordamos com o conceito de Teologia formulado por Wicks a partir das considerações tecidas pelo Concílio Vaticano II, especificamente pela *Dei Verbum* – Constituição Dogmática sobre a revelação divina. Para ele, “a teologia, portanto, consiste na escuta atenta dos testemunhos e na consideração crítica da palavra revelada”. WICKS, Jared. *Introdução ao método teológico*. São Paulo: Loyola, 2014, p.37.

<sup>9</sup> BÍBLIA, N.T. Mateus (18, 20). In: BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2016, p.1737.

<sup>10</sup> BUYST, Ione. Teologia e Liturgia na perspectiva da América Latina: avanços e desafios. *Tear online*, São Leopoldo – RS, v. 1, n. 1, p. 16-39, 2012. p. 19.

contato espiritual com a páscoa do Senhor e o momento de fortalecimento da assembleia dos cristãos.

Para Buyst, “A ‘liturgia’ enquanto celebração é expressão ritual, simbólico – sacramental de nossa fé. A teologia é reflexão crítica sobre o dado da fé, num determinado contexto (social, político, cultural)”<sup>11</sup>. Dessa forma, defendemos que a correlação entre Teologia e liturgia se dá por meio de uma simetria, cujo abalo em uma, influência o andamento da outra. Percebemos, assim, a existência de uma relação fundamental entre a liturgia como *locus theologicus* e a Teologia como *locus liturgicus*.

Tencionamos, enfim, empreender uma primeira tentativa de refletir teológico-liturgicamente sobre as práticas litúrgicas nas romarias de Juazeiro do Norte. Para isso, buscamos clarificar e relacionar quais as especificidades de suas romarias, os seus símbolos, os seus espaços de devoção e os seus cantos rituais.

### Um espaço eucarístico

A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja<sup>12</sup>.

“Juazeiro do Norte” nasce no final do século XIX como um espaço eucarístico. Antes dos movimentos do suposto milagre da hóstia que sangrou na boca da Beata Maria de Araújo, o então vilarejo Tabuleiro Grande - pertencente ao município do Crato - tinha uma situação econômica e social muito precária, bem como uma desassistência espiritual, isso acontecia em boa parte das comunidades rurais da época no sertão nordestino. Dessa forma, a presença de um sacerdote era um presente para essas comunidades – que a tinha em momentos bem pontuais anualmente.

Quando o Padre Cícero Romão Batista se mudou para Juazeiro – quando decidiu ali realizar a sua missão de sacerdote - seu trabalho pastoral teve a ajuda dos beatos (as) que lhe chegavam para pedir acolhida e apoio, esses homens e mulheres de fé entregaram a sua vida a missão de levar a palavra de Deus aos que se acercavam ao vilarejo, para ajudá-lo também na missão por ele designada. Esse sacerdote, portanto, acabou assumindo - ao acolher esses homens e mulheres que seguiram e viam da espiritualidade do Padre Ibiapina - todo um imaginário social que se construía com as missões católicas feitas no Nordeste brasileiro em que a sua figura, a do Antônio Conselheiro e a dos Frades Capuchinhos perpetuavam a espiritualidade de um Cristo sofredor e libertador.

O chamado de Cristo para aqueles que sofrem e sua promessa de amenizar os seus fardos<sup>13</sup> atraía milhares de pessoas que acompanhavam essas missões, que ouviam as palavras, sermões e invocavam a penitência; que inculturavam práticas de fé, resguardando, contudo, o centro da ação missionária, a saber, a propagação da Boa Nova. O discurso vindo do Concílio de Trento<sup>14</sup> foi reapropriado pelos missionários por meio da sua experiência de fé, de uma liturgia corporal - cujo encontro com o Senhor se fazia também pela passagem de certa *via crucis*. Por exemplo, em alguns

---

<sup>11</sup> BUYST, 2012, p.22.

<sup>12</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*: Sobre a sagrada liturgia (SC, n.10). São Paulo: Paulinas, 2017. p. 14-15.

<sup>13</sup> BÍBLIA. Mateus, 11, 28-29.

<sup>14</sup> Para Wicks, “O concílio de Trento, iniciado em 1545 e, depois de uma série de interrupções, terminado em 1563, elaborou um conjunto de decretos sobre a doutrina e reforma da Igreja que se mostraram determinantes para o catolicismo moderno” (2014, p.79).

espaços do Nordeste se edificou Via Sacras itinerantes cujas reflexões da passagem da paixão, morte e ressurreição de Cristo eram usadas como o modelo-manual de purificação da alma. Construíram, assim, uma “topografia sagrada”<sup>15</sup> no território nordestino.

Quando se alastrou que no Tabuleiro Grande a Beata Maria de Araújo ao receber a hóstia - consagrada pelo sacerdote da comunidade – ela sagrava em sua boca, milhares de pessoas buscaram presenciar esse fato. Essa experiência do “mistério pascal” vivida pelos nordestinos mais pobres era um sinal da presença de Deus em seu meio. Conforme Della Cava, era olhada pela maioria dos que a presenciavam como um segundo sacrifício em que Cristo se fazia presente e se compadecia dos sofrimentos de seus filhos nordestinos - abandonados pelos poderes públicos - desvalidos, pobres e sofredores<sup>16</sup>.

Foi a partir dessa crença em um suposto milagre eucarístico que Juazeiro ressurgiu como a “Nova Jerusalém”, como o lugar santo e a terra prometida. É, portanto, a fé na eucaristia que move os peregrinos que saíam, às vezes, de sua casa apenas com a roupa do corpo para presenciá-lo. E ao verem, voltavam a sua terra espalhando a novidade, mas para, além disso, vê-lo se comungava com o encontro eclesial, com as expressões comunitárias de fé no milagre que permaneceu no imaginário do romeiro, que se traduziu por meio de rituais, símbolos e benditos. Constituindo, outrossim, aquele território como um espaço sagrado. Segundo Rosendahl, “a definição de um lugar como sagrado reflete a percepção do grupo envolvido e, uma vez que a percepção varia de grupo para grupo, dificilmente se pode generalizar sobre os princípios de lugar sagrado”<sup>17</sup>.

Essas expressões de fé do romeiro, portanto, fizeram-se por meio de uma liturgia da saída e do encontro. Na saída, pediam a proteção para os que ficavam, entregavam a sua viagem (Nessa época a violência no Nordeste era constante e o transitar por seus territórios um risco de morte), viviam um experiência comunitária de caminhar em direção a um lugar santo – em sua prática de peregrinação; por sua vez, o encontro se faz com os munícipes, com as memórias dos seus antepassados e suas práticas religiosas, com os irmãos de outras comunidades presentes na romaria, com a população que passa a habitar o local nas festas religiosas, com os sacerdotes e leigos que os acolhem e, principalmente, o encontro com *Jesus Eucarístico*.

Dessa forma, o memorial da paixão de Jesus se torna e se tornou particular devido a sua vivência comunitária de fé, os mistérios em torno da vivência mística que envolvia Maria de Araújo, Padre Cícero, beatos (as)<sup>18</sup> e sertanejos (as) que moravam no Nordeste do Brasil. Com as proibições feitas pela Igreja Católica em relação ao milagre, esses peregrinos continuaram voltando a esse espaço - lugar em que as suas dores encontravam alívio e podiam reestabelecer a sua fé para enfrentar os desafios terrenos, mas como era proibido falar sobre esses fatos a ênfase foi dada em Padre Cícero – cujo sofrimento com as proibições da Igreja Romana – fê-lo também um sofredor, aquele que padecia a paixão como Cristo o fez, aquele cujo amor a Igreja impulsionar a tentar durante toda a sua vida se reconciliar com ela. Dessa forma, construiu-se e se fortaleceu um elo de

---

<sup>15</sup> ROSENDAHL, Zeny. Geografia de religião: uma proposta. Espaço e Cultura, n. 1, p. 45-74, 2012. p. 61.

<sup>16</sup> DELLA CAVA, Ralph. *Milagre de Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

<sup>17</sup> ROSENDAHL, 1995, p. 61.

<sup>18</sup> Os beatos e beatas tinham uma vida, segundo Ramos, dedicada à escuta e à leitura da Sagrada Escritura. Isso lhes permitia olhar e vivenciar de outra forma o cristianismo que contrapunha com a política de romanização praticada pela Igreja Católica do período. Portanto, “foi essa vivência do catolicismo que extrapolou parâmetros oficiais e negou o poder estabelecido pela hierarquia clerical. Eram Católicas, mas não se enquadravam nas disciplinas proposta nas regras que definiam o sentido da hierarquia. Assim, tornavam-se místicas” (RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. p. 49).

identidade e afeição a sua pessoa. Mas que, apesar dessas questões institucionais, não esqueceu a igreja pobre que chegava aos seus pés para pedir orientações e uma palavra fraterna. Ele, portanto, foi eleito como símbolo dessa religiosidade nordestina, da resistência perante a romanização e as violências da vida sertaneja.

Esse povo simples vinha com o seu chapéu de palha - sinal de sua condição socioeconômica, a saber, eram camponeses. Tal símbolo era de seu trabalho diário, da sua pertença a terra, do seu amor por ela - de onde tiravam o alimento para suprir a fome do corpo, a luta pela sobrevivência e os elementos para a construção de um sentimento de irmandade e fraternidade. Segundo a PP, o “trabalhador é criador”<sup>19</sup>, logo a sua relação com o seu ofício não é de passividade, mas sim de atividade. Nessa se reconhece sujeito e integra as relações grupais e coletivas. Portanto, “vivido em comum, na esperança, no sofrimento, na aspiração e na alegria partilhada, o trabalho une as vontades, aproxima os espíritos e solda os corações: realizando-o, os homens descobrem que são irmãos”<sup>20</sup>.

Consideramos como um ato ritual de bênção de seu trabalho e da terra o uso do chapéu como uma cuia para pedi-la na romaria – em sua prece a Deus solicitando seu auxílio no intuito de conseguir o pão de cada dia. Esses romeiros e romeiras se apegaram também com a padroeira de Juazeiro – cuja devoção foi propagada pelo Padre Cícero. Nossa Senhora das Dores é a mãe que sentiu na pele o sofrimento e as dificuldades do mundo, as sete espadas transpassaram o seu coração, mas fora vitoriosa em todos esses sofrimentos – a devoção mariana do nordestino é representada pelo uso do rosário que traz uma medalha de um lado a imagem de Maria e do outro Padre Cícero, aquele que propagou a devoção a Mãe das Dores e que era o símbolo da resistência para os romeiros e romeiras.

Não se está negando aqui as questões políticas e históricas que envolveram a figura desse Padre, mas pretendemos analisar de uma forma sucinta como ele se apresentou na construção da identidade dos católicos nordestinos nesse período, especificamente dos peregrinos e camponeses que chegavam a Juazeiro nesse momento para ter essa experiência religiosa, mas com pretensões em fincar moradia no lugar – essa é uma das particularidades das romarias da terra do Padre Cícero. Esse município se fundou por causa desse processo migratório – movido, por sua vez, pela ideia de que aquele espaço era sagrado e santo, nascido, primeiramente, pela adoração a Eucaristia – entendida como realmente o corpo e o sangue de Jesus Cristo. E que o povo simples do Nordeste a partir de uma prática de fé, pautada pela ação, tentou testemunhar a sua crença nesse dogma da Igreja – não buscamos entrar na questão se ocorreu ou não o milagre – mas que a crença nele foi à própria demonstração de fé do povo sofredor do Nordeste na Eucaristia e na presença real de Cristo nesse Sacramento<sup>21</sup>.

É, portanto, a crença na “presença real de Jesus Eucarístico” que transformou o Juazeiro em vários espaços sagrados, com vários territórios de ritos e liturgias, cuja centralidade era Deus.

---

<sup>19</sup> PAULO VI, Papa (PP). *Carta Encíclica Populorum Progressio* (PP): sobre o desenvolvimento dos povos. São Paulo: Paulinas, 2012.

<sup>20</sup> PP, 2012, n. 27.

<sup>21</sup> Segundo a LG, “o povo santo de Deus participa também dá missão profética de Cristo: dá testemunho vivo dele especialmente pela vida de fé e de caridade, e oferece a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que glorificam o seu nome [...]. A totalidade dos fiéis, que possuem a unção que vem do Espírito Santo, não pode enganar-se na fé, e manifesta esta sua propriedade característica mediante o sentido sobrenatural da fé no povo inteiro, quando “desde os bispos até os últimos fiéis leigos”, exprime o seu consenso universal a respeito das verdades de fé e costumes”. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* (LG, n.12): sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 26.

Essa descentralização espacial é uma resistência da perseguição feita à religiosidade desses peregrinos no final do século XIX e XX, que promoveu uma vivência pautada pelo cristianismo primitivo. Baseados, outrossim, pelos resquícios simbólicos e rituais dos movimentos messiânicos que ocorreram no Nordeste anteriormente. Dessa forma, o Juazeiro do Padre Cícero foi eleito o espaço memorial dessas práticas de fé e de rituais. Como, então, as primeiras comunidades Cristãs pensavam a liturgia?

Nas primeiras comunidades cristãs, consoante Flores, a liturgia era teológica, no sentido de uma espiritualidade cultual – não existia naquele período normas e regras litúrgicas para servir como parâmetro para a prática ritual – mas uma constituição cotidiana a partir da vivência mística do mistério pascal. Aos poucos principiaram a se apropriar de algumas formas de celebrar do Judaísmo, mas atualizando essas práticas a partir de uma releitura pelo viés dos ensinamentos de Cristo. Dessa forma, Cristo era o centro e sua prática litúrgica não se atrelava a um templo, mas defendiam a união pelo nome do Senhor e “consideravam a santidade interior seu verdadeiro culto”<sup>22</sup>. Dessa forma, a identidade de pertencer a uma família, pressupõe o entendimento de que onde ela se reúne em nome daquele que a gerou – “Jesus Cristo a pedra angular”<sup>23</sup>- esse edifício se tornava um lugar santo e os que participavam dele se edificavam como “habitação de Deus, no Espírito”<sup>24</sup> por meio da unidade eclesial.

Os cristãos, portanto, participando na vida do Senhor ressuscitado, transformam-se com ele num edifício construído pelo Espírito Santo. Os cristãos, considerados corporativamente como um povo sacerdotal, apresentam a Deus em sacrifício sua vida de fé e de caridade. Sendo pedras vivas, sua vida é agora o sacrifício mais perfeito<sup>25</sup>.

Assim sendo, era esse o sentido que movia os peregrinos que chegavam a Juazeiro e encontravam as portas das Igrejas fechadas, bem como ouviam sermões que condenavam a sua fé nos supostos milagres. O Padre Cícero se tornou o responsável para orientar esse povo que buscavam o seu conselho, fê-lo orientando a sua permanência na Igreja Católica e compreendendo as suas práticas religiosas – tentando pastoralmente e a partir de suas condições intelectuais – propagar a palavra de Deus em sua residência, já que tinha sido proibido em celebrar a Eucaristia pela Igreja. Sem um espaço, cuja fé se podia manifestar, caçam outro para realizar as suas práticas rituais - vistas por alguns como fanatismo; constroem símbolos e benditos que marcaram a memória de um grupo – erigindo, assim, sua identidade sociocultural. Segundo Guimarães e Dumoulin, seria “uma nação romeira” que perpetuara sua fé por meio da tradição oral. Seus gestos litúrgicos são repletos de caridade e essa característica os tornava autênticos<sup>26</sup>. Segundo o DMc<sup>27</sup> (2010), na América Latina as ações litúrgicas devem ser movidas pelas obras de caridade, pela mútua ajuda, pela prática missionária e do testemunho cristão - essas ações vivificam a liturgia. Portanto, “a celebração litúrgica comporta e coroa um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e com a promoção, precisamente porque toda a criação está envolvida pelo desígnio salvador que abrange a totalidade do homem”<sup>28</sup>.

---

<sup>22</sup> FLORES, Juan Javier. *Introdução à Teologia Litúrgica*. São Paulo: Paulinas: 2006. p. 24.

<sup>23</sup> BÍBLIA. Carta aos Efésios, 2, 20.

<sup>24</sup> BÍBLIA. Carta aos Efésios, 2,21-22.

<sup>25</sup> FLORES, 2006, p. 25.

<sup>26</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO – AMERICANO (CELAM). *Conclusões da Conferência de Medellín* (DMc): a Igreja na atual transformação da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2010.

<sup>27</sup> O Documento de Medellín (DMc) é o documento final da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano na Colômbia em 1968.

<sup>28</sup> DMc, 2010, p. 135.

Compreender a liturgia praticada por esses homens e mulheres do sertão nordestino é entendê-los antropologicamente, mas, sobretudo perceber que sua vivência espiritual nas Celebrações Eucarísticas, seus benditos e seus símbolos estavam fundamentados por uma interpretação bíblica, por uma forma de vivenciar o cristianismo - coligando a fé à ação, a uma disponibilidade para a peregrinação à missão de propagar a palavra de Deus aos seus irmãos. Essa traduzida por seus gestos simples, seu amor fraterno e suas vozes que entoavam benditos memoriais - advindos da vivência cotidiana da fé misturada com a escuta atenta da Sagrada Escritura. Para Le Breton,

No universo bíblico o homem é um corpo não é outra coisa se não ele mesmo. O próprio ato de conhecer não é o ato de inteligência separada do corpo. Para essa antropologia, o homem é uma criatura de Deus, ao mesmo título que o conjunto do mundo; a divisão entre o homem e seu corpo, tal como existe na tradição platônica e órfica, é para ela um não sentido. O mundo foi criado pela Palavra<sup>29</sup>.

Conhecer para o romeiro está associado ao ato de tocar, da sensibilidade permeada entre o sentir interior e exteriormente. O corpo, assim, passa a ser o instrumento e receptáculo de sua fé – o uso de símbolos, de práticas e da experiência memorial fora uma forma de demonstrá-la por meio daquilo que se tem de mais valor. Dessa forma, entendemos o homem enquanto totalidade relacionada com o corpo a partir da antropologia bíblica. O modelo desses romeiros e romeiras é Cristo e sua crença pautada pelo ouvir atento da Sagrada Escritura - desse universo bíblico que é apropriado o ser Cristão – ontologicamente pensado; que não estaria desvinculado dos sentidos que constroem os elementos de sua constância através de sua ratificação – enquanto pertencente a essa comunidade - gerada por seus olhares atentos para a presença de Cristo em seu cotidiano<sup>30</sup>.

Desta forma, entendemos que o corpo é visto como um castelo e sua porta de entrada é a oração<sup>31</sup>. Como também as pequenas obras como sinais concretos do amor de Deus em sua vida e dos que as foram atingidos<sup>32</sup>. Essa sutileza se influenciara pela espiritualidade monástica, especificamente de São Bento<sup>33</sup> - que Padre Cícero buscou divulgar para os romeiros e romeiras, por exemplo, a importância do trabalho e da oração, cuja santificação daquele era feita por este. Percebemos isso quando os romeiros usam o chapéu para pedir a benção de Deus para o seu trabalho, no entoar dos benditos nos momentos de colheita e de plantio por esses camponeses. Assim, isso influenciou as suas práticas rituais movidas pela espiritualidade em sua manifestação interior, mas também exterior. Para a CNBB, “as romarias rumo aos santuários traduzem de modo concreto a nossa caminhada, seguindo o Cristo peregrino e festejam a universalidade da Igreja aberta para todos”<sup>34</sup>.

Os Benditos derivam da tradição oral e enquanto tal receberam acréscimos e cortes, provêm de experiências múltiplas de romeiros e romeiras que vieram a Juazeiro do Norte para celebrar, para encontrar com Deus, emanam de suas lembranças, de pedaços dos evangelhos arquivados em sua memória que se confirmavam com a sua vivência nas várias situações experimentadas durante a sua caminhada de fé. Para o Documento de Aparecida, a espiritualidade popular não pode ser desprestigiada ou colocada em segundo plano em prol de uma normalização

<sup>29</sup> LE BRETON, David. *Antropologia do Corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2013. p.35.

<sup>30</sup> “Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo”. BÍBLIA, 1 Coríntios, 12,12.

<sup>31</sup> JESUS, de Teresa. *Castelo Interior*. São Paulo: Paulus, 2017.

<sup>32</sup> MENINO JESUS, Teresa do. *História de uma alma*. São Paulo: Paulus, 2016.

<sup>33</sup> BENTO. *Regras de São Bento*. Tradução e notas de Dom João Evangelista Enout, OSB, 2000.

<sup>34</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Animação da vida litúrgica no Brasil: elementos de pastoral litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 43. (n. 110).

extrema da liturgia. Conhecer reconhecendo essa espiritualidade é ver a encarnação do evangelho na vida cotidiana dos cristãos, é não “esquecer o primado da ação do Espírito e a iniciativa gratuita do amor de Deus”<sup>35</sup>. Essa piedade popular “expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor Teologal”<sup>36</sup>. Santo Antônio de Pádua – destacado pregador na Igreja e proclamado seu Doutor pelo Papa Pio XII em 1946 - fez um sermão acerca do pregador ou prelado da Igreja chamando atenção para o seu trabalho missionário - enquanto o arauto da palavra de Deus. Para ele, “o pregador, pois, deve ser filho da ciência e do conhecimento. Deve, de facto, saber primeiro o quê, a quem e quando prega e depois em si mesmo deve conhecer se vive segundo aquilo que prega”<sup>37</sup>. Para Antônio, ter esse saber é se localizar em sua missão e traduzir o evangelho para a compreensão dos filhos de Deus – relacionando a fé e as obras, o crer e o testemunhar na vida concreta do dia-a-dia.

Os benditos são entoados pelo movimento do corpo, pelos sentimentos que superam os seus limites para encontrar o Senhor – buscando propagar mensagens do Evangelho a partir da linguagem romeira relacionando a transcendência e a imanência. Dessa forma, a liturgia aborda o corpo humano – olhando para a sua dignidade fundamental – ligando o Pão da Vida ao pão nosso de cada dia, bem como, segundo Wicks, “a existência e a ação pastoral na revelação do fim salvífico de Deus”<sup>38</sup>. Vinculado a esses cantos, a própria atmosfera de Juazeiro do Norte muda, por exemplo, as ruas com pouca expressividade no cotidiano citadino se transformam em “roteiro da fé”. Esse feito pelos romeiros ligados pela tradição recebida de seus pais e acrescentado pela dinamicidade de sua prática institui novos lugares, gestos e símbolos rituais. Para Guimarães e Dumoulin, “entrando em Juazeiro o romeiro segue o “roteiro da fé”: é toda a cidade que é santuário sagrado”<sup>39</sup>.

Olhar como a piedade popular em sua vivência cultural constrói hinos e cantos de louvores ao Deus Altíssimo, como tais sinais são manejados pela simplicidade dos camponeses e operários que chegam a Juazeiro do Norte - é, portanto, interpretar a luz da fé a sua experiência histórica-social. Dessa forma, adaptar a Celebração Eucarística a determinadas realidades humanas não é renegar a sua centralidade cristológica, pelo contrário é torná-la presença-sentida na vida de seus filhos, é fazer com que os crentes olhem para o sacrifício de Cristo e vejam a sua vitória enquanto ressuscitado – mas que essa se deu pelo enfrentamento da Cruz. Essa busca de tornar compreensível o mistério pascal é acima de tudo promover uma vivência espiritual dele – resguardando a sua dignidade e seu valor fundamental para a comunidade dos cristãos. Portanto, a busca de uma adaptação da liturgia se faz pela aproximação no ritual dos “sinais sensíveis” que levam determinada localidade a experimentar o amor de Deus em suas vidas. Para Buyst, “a liturgia deve expressar o mistério Cristão na linguagem cultural da comunidade local”<sup>40</sup>. Vejamos um bendito – não se tem o nome do autor e a data de sua fabricação – isso significa que ele foi recebido pela tradição romeira em suas experiências cotidianas, ou seja, um romeiro ou romeira pode ter iniciado o Bendito mais ao longo do tempo outros autores foram aperfeiçoando-o através dos costumes de entoá-lo em sua peregrinação ao Juazeiro do Norte. Por exemplo, o número 93 representa a quantidade de viagem a esse lugar feita pelo romeiro ou romeira. Destacamos estes versos:

A Romaria 93

---

<sup>35</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO- AMERICANA (CELAM). *Conclusões da Conferência de Aparecida* (Dap): texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2017, n. 263.

<sup>36</sup> DAp, 2017, 263.

<sup>37</sup> ANTONIO DE LISBOA, Santo. *Obras Completas*. Porto: Lello & Irmão, 1987. p. 574.

<sup>38</sup> WICKS, 2014, p. 77.

<sup>39</sup> GUIMARÃES; DUMOULIN, 2009, p. 38.

<sup>40</sup> BUYST, 2012, p. 24.



Eu vou para Juazeiro  
Vou cumprir minha missão  
Visitar a casa santa  
De Padrinho Cícero Romão

Juazeiro é terra santa  
Onde meu Padrinho fez sua morada  
Onde está o Cálice Bento  
E a Hóstia Consagrada<sup>41</sup>.

Os benditos entoados pelos romeiros e romeiras do Padre Cícero, segundo Guimarães e Dumoulin, nos possibilita aprender a linguagem desses sujeitos. Além disso, compreendemos que são condições de possibilidade para acionar os sinais e dispositivos de sua fé, de sua memória ritual e de sua experiência enquanto cristão nordestino. Ao mencionar essa característica das romarias de Juazeiro do Norte as referidas autoras nos chamam atenção sobre a importância em ligar a linguagem à experiência sociocultural desses sujeitos no trabalho pastoral da Igreja. Aprendendo, assim, a maneira como manejam os seus signos e símbolos podemos compreender os seus *habitus*, seus procedimentos de entender e viver a sua espiritualidade. Essas práticas rituais são vivificadas pela sua presença no cotidiano do romeiro e romeira, pelo ápice da renovação de seu encontro com os irmãos e com o Cristo em um lugar especial – tal lugar propício movimenta o seu imaginário social e seu campo de vivência espiritual. Conforme elas, “há benditos para todos os momentos de sua liturgia: bendito da saída de casa, benditos em favor do motorista, do organizador da romaria, benditos da viagem da chegada à Juazeiro, da subida ao Horto, da visita ao túmulo do Padre Cícero, bendito da despedida e volta para a casa, etc”<sup>42</sup>.

### Considerações finais

Propomos, neste artigo, uma primeira abordagem do que chamamos de uma liturgia da saída e do encontro. Consideramos que ela não é outra proposta daquelas colocadas pela Igreja, pelo contrário ela é seu aprofundamento a partir de uma vivência da centralidade da fé cristã a partir de uma determinada condição histórico-social.

Pensando, dessa forma, tais práticas rituais e seus símbolos seriam uma apropriação<sup>43</sup> e usos dos elementos oficiais colocados pela própria oficialidade eclesial. Tal procedimento é feito pela dialética feita no processo de fé do crente, de suas experiências e dilemas no mundo. Ao olharem para as Dores de Maria e para a Cruz de Cristo – em seu sacrífico redentor – os romeiros e romeiras se identificaram com ele, tiraram forças para resistir aos desafios de seu tempo, buscando uma libertação diária.

Libertar-se, portanto, estaria ligado a várias acepções, mas a usada aqui seria a espiritual. Contudo as outras não estariam apartadas dessas, mas em uma correlação. Essa liturgia romeira se renova constantemente, mas também possuem elementos de permanência – tal continuidade provém da experiência coletiva de fé – cujas marcas<sup>44</sup> em sua alma são reavivadas a cada bendito cantado, a cada chegada a Juazeiro e a seus lugares sagrados, a cada abraço fraterno de acolhida e de despedida entre esses romeiros e romeiras.

---

<sup>41</sup> OS 18 BENDITOS DAS ROMARIAS DO PADRE CÍCERO DE JUAZEIRO DO NORTE, Juazeiro do Norte, s.n, p. 20.

<sup>42</sup> GUIMARÃES; DUMOULIN, 2009, p. 26.

<sup>43</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. 2010.

<sup>44</sup> Para Ricoeur, as marcas também são constituídas pelas perdas. Essas são fundamentais para a constituição da passividade. RICOEUR, Paul. A marca do passado. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 10, p. 329-349, 2012.

## Referências

- ANTONIO DE LISBOA, Santo. *Obras Completas*. Porto: Lello & Irmão, 1987.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2016.
- BENTO. *Regras de São Bento*. Tradução e notas de Dom João Evangelista Enout, OSB, 2000.
- BUYST, Ione. Teologia e Liturgia na perspectiva da América Latina: avanços e desafios. *Tear online*, São Leopoldo – RS, v. 1, n. 1, p. 16-39, 2012.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. 2010.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO- AMERICANA (CELAM). *Conclusões da Conferência de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2017.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO – AMERICANO (CELAM). *Conclusões da Conferência de Medellín: a Igreja na atual transformação da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL.  *Animação da vida litúrgica no Brasil: elementos de pastoral litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium: Sobre a sagrada liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum: sobre a revelação divina*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- DELLA CAVA, Ralph. *Milagre de Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: Santo dos pobres, santo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- FLORES, Juan Javier. *Introdução à Teologia Litúrgica*. São Paulo: Paulinas: 2006.
- GOMES, Assis Daniel. *As construções de sentidos e imagens de um urbano pelos poetas juazeirenses em 1987*. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, v.3, n.6, p.190-201, 2011.
- GUIMARÃES, Therezinha Stella. *Padre Cícero e a nação romeira: estudo psicológico da função de um “santo” no Catolicismo popular*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- GUIMARÃES; Ana Teresa; DUMOULIN, Annette. *Romeiros/as e romarias em Juazeiro do Norte: protagonismo de uma liturgia popular, uma visão antropológica*. Revista de Cultura Teológica. V.17, n.67, p.9-40, 2009.
- JESUS, de Teresa. *Castelo Interior*. São Paulo: Paulus, 2017.
- LE BRETON, David. *Antropologia do Corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2013.

MENINO JESUS, Teresa do. *História de uma alma*. São Paulo: Paulus, 2016.

OS 18 BENDITOS DAS ROMARIAS DO PADRE CÍCERO DE JUAZEIRO DO NORTE, Juazeiro do Norte, p.1-29, s.n.

PAULO VI, Papa. *Carta Encíclica Populorum Progressio*: sobre o desenvolvimento dos povos. São Paulo: Paulinas, 2012.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo*: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RICOEUR, Paul. A marca do passado. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 10, p. 329-349, 2012.

ROZENDAHL, Zeny. *Geografia e Religião*: uma proposta. Espaço e Cultura, ano 1, p. 45-74, 1995.

WICKS, Jared. *Introdução ao método teológico*. São Paulo: Loyola, 2014.